

Corpos e culturas: a atualidade do pensamento de Marcel Mauss

Jocimar Daolio

Introdução

Na comemoração dos 40 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), é oportuno o lançamento de uma coleção de livros que apresente e enfatize os estudos e pesquisas que têm subsidiado a produção de conhecimentos nas áreas de Educação Física e Esportes, alocados nos Grupos de Trabalho Temático (GTT's). No caso do GTT Corpo e Cultura, embora não tenha feito parte da primeira configuração dos GTT's do CBCE, já em 1998, na Reunião das Secretarias Estaduais do CBCE, realizada na Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Natal-RN, foi feita proposta de criação de novo GTT, uma vez que havia o reconhecimento de demanda de pesquisas específicas sobre Memória e Cultura. É nesse momento que é aprovada a criação do GTT Memória, Cultura e Corpo, cuja “inauguração” oficial se deu no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte de 1999 (CONBRACE), em Florianópolis-SC (DAOLIO; GOELLNER; MELO, 1999).

Posteriormente, em 2004, por ocasião da Reunião Anual da SBPC de Cuiabá-MT, também acolhendo as demandas de pesquisa próprias desses dois campos, houve proposta de separação entre as temáticas Memória e Cultura. Já em 2005, no CONBRACE Porto Alegre, foram apresentados trabalhos nos dois GTT's separadamente. Nos últimos anos, tem havido grande e qualificada produção em cada um desses dois GTT's, o que pode ser comprovado nos anais dos CONBRACE's e CONICE's (Congresso Internacional de Ciências do Esporte). No livro *Política Científica e Produção do Conhecimento em Educação Física*, editado pelo CBCE em 2007, pesquisadores e membros dos Comitês Científicos de cada GTT apresentaram a produção e fizeram um balanço das temáticas de pesquisa em cada GTT. Os membros do Comitê Científico do GTT Corpo e Cultura puderam fazer o mesmo no capítulo ‘Trajetória e perspectivas do GTT Corpo e Cultura (CARVALHO; LINHALES, 2007).

No caso específico do GTT Corpo e Cultura, é importante destacar a centralidade do conceito de cultura para estudos que têm no corpo sua principal

preocupação. A produção acadêmica da área de Educação Física já vem afirmando há algumas décadas a importância de estudos que têm nas Ciências Humanas a orientação para suas investigações. Já é consenso há vários anos que a exclusividade das explicações biológicas no que se refere ao comportamento corporal não é suficiente para compreender todos os fenômenos humanos. No meu caso particular, como pesquisador e docente de ensino superior desde 1987, pude aprofundar estudos nas questões culturais a partir da aproximação com a Antropologia Social, sobretudo na tradição de autores como Marcel Mauss e Clifford Geertz. Não estou afirmando que a Antropologia é a única área que estuda a cultura, nem que é a mais importante, apenas destaco que a Antropologia, na sua tradição de pesquisa, sobretudo a etnografia, se deparou com a diversidade de comportamentos humanos e foi instada a compreender e explicar dinâmicas culturais consideradas exóticas ou estranhas ao hábito ocidental. Essa condição fez com que a Antropologia colocasse como primordial o debate sobre a cultura, debate esse que enriqueceu não só a própria área como foi ampliado para outros campos do conhecimento.

Enfim, acredito não ser necessária aqui a recuperação da história do pensamento contemporâneo da Educação Física brasileira para justificar a necessidade e atualidade das discussões a partir da consideração da cultura. Afirmei em outra oportunidade que o termo “cultura” definitivamente já faz parte da área de Educação Física, constituindo-se no principal conceito e na principal categoria para a área, uma vez que todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural (DAOLIO, 2004).

Especificamente sobre a relação entre a cultura e as discussões sobre o corpo, é elucidativa a afirmação de Clifford Geertz:

Entre o que o nosso corpo nos diz e o que devemos saber a fim de funcionar, há um vácuo que nós mesmos devemos preencher, e nós o preenchemos com a informação (ou desinformação) fornecida pela nossa cultura (GEERTZ, 1989, p. 62).

Na Antropologia (e também na Sociologia, já que essas áreas se imbricavam até o início do século XX) é fundante o texto sobre as técnicas corporais, de Marcel Mauss. Proferida como palestra em 1935, foi publicada no ano de sua morte, em 1950. Meu objetivo neste texto constitui-se, primeiramente, em recuperar as ideias do fundador da discussão sobre corpo na Sociologia e na Antropologia, mostrando

como essas ideias são extremamente atuais no Brasil de hoje. Em segundo lugar, pretendo depreender da concepção de Mauss algumas implicações para a área de Educação Física, mostrando sua pertinência e atualidade. Tenho reiterado que o trabalho de Mauss sobre as técnicas corporais deveria se tornar leitura obrigatória para todos os alunos de graduação e pós-graduação em Educação Física.

O livro *Conversando sobre o corpo*, organizado por Heloisa T. Bruhns e publicado em 1986 teve o mérito de “apresentar” Marcel Mauss para a área de Educação Física. O capítulo de Suely Kofes intitulado ‘E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala’ traz questões cujas respostas poderiam ser respondidas a partir das elaborações teóricas de Mauss. Segundo a autora, apoiada em Mauss, o corpo aprende e é cada sociedade específica que o ensina, e no que o ensina, nele se expressa. Desconheço se outra publicação brasileira da área de Educação Física citou ou se fundamentou em Marcel Mauss antes deste capítulo de Suely Kofes. O importante é que o autor francês estava apresentado à Educação Física, uma vez que o livro organizado por Heloisa Bruhns teve grande repercussão na área e, além disso, a década de 1980 constituiu-se num importante momento de debates na área, fato que teve repercussões acadêmicas consideráveis nos anos seguintes (BRUHNS, 1986).

Posteriormente, em 1995, em meu livro *Da cultura do corpo*, reservei uma seção inteira para resumir a contribuição de Marcel Mauss para as Ciências Sociais e a relevância para a Educação Física que, na época, ainda recebia forte influência das ciências biológicas. Tentei mostrar que as explicações biológicas, se são necessárias e importantes, não podem se tornar exclusivas para a explicação do comportamento corporal humano.

Marcel Mauss: contexto histórico

Marcel Mauss, de nacionalidade francesa, nasceu em 1872 e morreu em 1950. Sobrinho de Durkheim, Mauss foi influenciado pelo tio e avançou em suas ideias após a morte deste em 1917. Na verdade, criou novas frentes a partir do pensamento de Durkheim que culminaram na criação da Antropologia, sendo considerado um dos pais dessa nova ciência. Durante a década de 1920 desenvolveu seus estudos em

Paris, ministrou disciplinas, orientou novos alunos e publicou seu principal trabalho em 1925, *Ensaio sobre a dádiva* (no original, *Essai sur le don*), considerado um dos grandes clássicos das Ciências Sociais e que versa sobre os métodos de troca nas sociedades até então tidas como primitivas. Nesta obra Mauss criou e desenvolveu o conceito de ‘fato social total’, que se constituiria na sua grande contribuição às ciências sociais. Claude Lévi-Strauss considerou este livro como a obra prima de Mauss (LÉVI-STRAUSS, 2003).

Marcel Mauss participou ativamente da primeira guerra mundial entre 1914 e 1918, fato que o marcou profundamente uma vez que perdeu vários colegas da universidade e amigos. De origem judaica, viu a ascensão do nazismo na Alemanha e sua disseminação pela Europa até a ocupação da França em 1940. Perdeu seus cargos de professor, foi obrigado a utilizar a estrela de David destinada aos judeus, passou por privações, foi ajudado por amigos, mas decidiu não deixar a França, embora alguns amigos o tenham estimulado a isso (FOURNIER, 2003).

Esses dados históricos, pouco conhecidos ou citados pelos leitores da obra de Mauss, são importantes para compreender o que estava por trás de sua elaboração teórica. Primeiramente a ênfase no estudo das trocas econômicas entre habitantes de tribos indígenas, que, segundo o autor, poderiam beneficiar as sociedades industrializadas, ao reconhecerem a prática de trocas de presentes como dádivas e doações. Nessa consideração é possível inferir um autor atento e preocupado com os rumos que o século XX traçava e um desejo de um mundo mais solidário.

A partir do conceito de ‘fato social total’ Mauss se esquivava de explicações estanques para o comportamento humano e destacava como importante o estabelecimento de conexões entre os campos sociológico, psicológico e fisiológico, afirmando a totalidade do comportamento humano. No seu texto ‘A expressão obrigatória de sentimentos’, analisando o fenômeno do choro, o autor mostrava que essa expressão humana não deveria ser compreendida apenas como fenômeno psicológico ou fisiológico, mas também social:

Não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação (MAUSS, 1979, p. 147).

O corpo em Mauss

A partir dessas considerações torna-se compreensível a preocupação do autor com a discussão sobre o corpo. Em 1935 Mauss profere uma palestra especificamente sobre o corpo denominada ‘As técnicas corporais’, publicada apenas no ano de sua morte, em 1950. Neste trabalho Mauss parte de observações cotidianas, sobretudo de sua experiência na guerra para defender a ideia de diferentes usos do corpo e de como esses usos definem e são definidos por questões relacionadas às dimensões sociológicas e psicológicas humanas. Apenas a consideração da ideia de ‘usos do corpo’ já afasta uma explicação eminentemente fisiológica para o comportamento humano, uma vez que os usos do corpo são diversos no mundo e dizem respeito a questões da tradição e da organização social dos vários grupos humanos. Nessa linha de raciocínio seria insuficiente a explicação de um determinado comportamento corporal apenas por disposições fisiológicas, muito menos por premissas raciais.

São conhecidos e elucidativos os exemplos citados por Mauss em seu texto, como o aprendizado de natação pelo qual passou quando criança e a mudança que ele viu nesse aprendizado; ou a necessidade de trocas de pás durante a guerra entre as tropas inglesas e francesas, obrigatória devido a diferenças entre as pás dos dois batalhões; ou a diferença de marcha dos militares franceses e ingleses, que levava a dificuldades de execução. Cita ainda diferenças no andar, no correr, na posição das mãos à mesa, a influência dos filmes americanos no comportamento corporal dos franceses etc. A partir desses exemplos Mauss defende a ideia de construção corporal humana, consideração que, para a época, é extremamente importante e inovadora. Em meu livro de 1995 afirmo:

[...] mais importante do que constatar, relacionar e classificar as diferentes manifestações corporais é entender o significado desses componentes num contexto social. O primeiro passo, obviamente, é partir das diferenças corporais entre povos ou entre épocas de um mesmo povo, mas o passo seguinte proposto por Mauss é entender os movimentos corporais como parte de um todo social (DAOLIO, 1995, p. 46).

Definindo ‘técnica corporal’ como as maneiras como os seres humanos sabem servir-se de seus corpos, Mauss tenta colocar a condição corporal humana na categoria das técnicas humanas, como as técnicas de caça, de pesca, de cozimento, de

casamento, de trocas etc. Segundo ele, toda técnica deve ser ao mesmo tempo tradicional e eficaz, ou seja, deve ser uma ação transmitida das gerações anteriores às gerações seguintes e também atender a alguma demanda do referido grupo, ou seja, ter alguma eficácia.

Chamo técnica um ato **tradicional eficaz** (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser **tradicional e eficaz**. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral (MAUSS, 2003, p. 407, grifo do autor).

Embora Mauss não tenha se aprofundado na discussão da eficácia, essa discussão remete à expressão de comportamentos corporais humanos como expressões simbólicas, impossível naquela época, mas que a Antropologia desenvolveu posteriormente, considerando uma definição mais simbólica de cultura. Clifford Geertz, na segunda metade do século XX, desenvolveu uma concepção semiótica de cultura, para quem a cultura se constitui em “sistemas entrelaçáveis de signos interpretáveis” (GEERTZ, 1989, p. 24). Para este autor a cultura é pública porque o significado é público. Geertz afirma que a prática de pesquisa da Antropologia não deve se constituir numa “ciência experimental em busca de leis, mas numa ciência interpretativa à procura do significado” (GEERTZ, 1989, p. 15).

De fato, se Mauss não avançou nessa discussão em plena década de 1930, seu conceito de cultura e de técnica sugere a dimensão simbólica inerente às ações humanas. Os exemplos que utiliza remetem ao campo da magia e da religião de atos de vários povos indígenas. Ou seja, ele não está se referindo à técnica a partir de uma dimensão eficiente, no sentido mecânico ou apenas de rendimento, mas à dimensão eficaz no sentido simbólico.

De acordo com Mauss, a educação humana, sobretudo de crianças, se dá por meio de um processo de ‘imitação prestigiosa’, colocando a centralidade do corpo na discussão tanto da área da Antropologia como da Educação. A criança imitaria gestos que obtiveram êxito ou foram colocados a ela por pessoas dotadas de autoridade, ou seja, que representam a tradição e eficácia no contexto do grupo a qual ela pertence.

A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre

ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros (MAUSS, 2003, p.405).

A partir dessas considerações Mauss, nesse mesmo trabalho, procura esboçar princípios para uma classificação das técnicas corporais, considerando os períodos da vida, as características de gênero, ao rendimento e as formas de transmissão das técnicas. Era um esforço também próprio da época, que talvez não fizesse sentido hoje, mas que representava a compreensão do autor de que todas as manifestações corporais são equivalentes e que deveriam ser classificadas e respeitadas.

A discussão de Mauss sobre os usos do corpo e sua consideração sobre a totalidade humana numa época em que o nazismo se pautava por preceitos racistas e avançava sobre a Europa é de um vigor não só acadêmico mas sobretudo político impressionante. Ainda mais vindo de uma pessoa de origem judaica e que viria a sofrer perseguição como de fato sofreu nos anos seguintes. Mauss mostrava nessa época o viés revolucionário e de resistência política pouco destacado em sua biografia, com uma visão de mundo e de sociedade absolutamente comprometida com os direitos de todos os humanos, independente de sua raça, nacionalidade ou origem (FOURNIER, 2003).

Implicações do pensamento de Mauss para a educação física

Exposta - ainda que rapidamente - a concepção de Mauss sobre corpo, resta depreender daí algumas implicações para a área de Educação Física, objetivo deste trabalho. A primeira delas, talvez até óbvia e já estabelecida na área, é que o corpo não se explica somente a partir de considerações biológicas. Se essas são necessárias e importantes, não podem ser exclusivas para compreender o comportamento corporal humano. Como exemplo, afirmar que o corpo humano possui um número definido de ossos, músculos e articulações não garante a compreensão dos usos que esse corpo estabelece - para utilizar uma expressão de Mauss - em sua relação com o mundo, enfim, em sua dinâmica cultural. Se há um patrimônio biológico humano, fruto de longo processo evolutivo, que torna todos os seres humanos muito

semelhantes, há usos do corpo específicos que os tornam muito diferentes. Uma área, como a Educação Física, que atua sobre a dimensão corporal humana, precisa ampliar os preceitos oferecidos pelas ciências biológicas, a fim de compreender o ser humano a partir de uma totalidade - utilizando outra expressão de Mauss. Em outras palavras, a partir das ideias de Marcel Mauss, pode-se afirmar um corpo cultural e não somente anatômico.

Uma lágrima pode ser definida pela Bioquímica como uma secreção corporal composta de determinados elementos, porém a ocorrência da lágrima depende de fatores absolutamente diversos, fatores psicológicos específicos e também do contexto cultural que torna a lágrima expressão adequada em certas situações e não em outras, como já afirmou Mauss quando analisou o choro como expressão obrigatória de sentimentos. Clifford Geertz também afirma algo semelhante quando discute as imagens públicas de sentimentos, que ofereceriam significados culturais para as expressões humanas de sentimentos (GEERTZ, 1989).

O mesmo pode se dizer dos sentidos específicos do suor. Mais e além de manifestação biológica, o suor pode e deve ser compreendido a partir de outros referenciais. O suor fruto do trabalho é diferente contextualmente do suor fruto da atividade física prazerosa. Pode parecer óbvio, mas algumas análises parecem esquecer dessa contextualização, quando tratam o gasto calórico humano apenas como um dado biológico e estatístico, desconsiderando que suar em algumas situações pode ser mais prazeroso do que em outras. Há uma construção cultural do choro, do suor, da dor, da fome, enfim, de todas as manifestações humanas.

Considerando essa compreensão cultural do corpo humano foi que os estudiosos da Educação Física mais próximos de abordagens das Ciências Humanas e Sociais, ainda que não sejam leitores da Antropologia ou especificamente de Mauss, adotaram a expressão 'gesto' ao invés de 'movimento', a fim de garantir e realçar que o corpo está sempre imerso em dinâmicas culturais. A expressão 'movimento', própria de outras áreas como a Física ou a própria Biologia, reduz a perspectiva de compreensão do corpo humano. De fato, o movimento da Física é medido numericamente, previsível, antecipado, esquadrinhado, enquanto o gesto humano, para ser compreendido, deve ser considerado a partir das relações que o ser humano exerce com o outro, com a sociedade, com a cultura, relações sempre dinâmicas e dotadas de historicidade.

A partir da contribuição de Marcel Mauss sobre a discussão do corpo, é inevitável questionar os usos da expressão ‘técnica’ para a área de Educação Física. Em outro trabalho, analisando a forma como a área de Educação Física e Esporte utiliza a expressão técnica, afirmamos (DAOLIO; VELOZO, 2008, p. 9):

[...] é curioso notar que a palavra “técnica” tradicionalmente é usada como sinônima de movimento correto, daí advindo expressões como “gesto não técnico” ou “movimento sem técnica”. De substantivo feminino (a técnica como um processo ou um saber) a palavra passou a ser usada como adjetivo (forma técnica ou expressão técnica), chegando finalmente, com a adição do sufixo “mente”, a um advérbio (tecnicamente, significando “maneira técnica”).

De fato o uso do termo ‘técnica’ pela área de Educação Física historicamente disse respeito à eficiência mecânica e não à eficácia simbólica e o apoio teórico para essa antiga compreensão veio das ciências Exatas ou Biológicas. Essa compreensão deu e ainda dá respaldo para as discussões sobre o treinamento físico de atletas ou frequentadores de academias de ginástica e tem forte influência sobre a área de pedagogia do esporte. Nessa perspectiva há um e somente um movimento correto a ser alcançado, o que seria compreensível se estivéssemos tratando com atletas de alto nível que, como qualquer profissional de alto nível, precisam atingir um detalhe na execução de determinado gesto esportivo para superarem o recorde mundial de alguma modalidade esportiva.

O problema aqui não é o esporte de alto nível, mas o fato de utilizarmos esse modelo para a atuação em todos os campos de trabalho da Educação Física, principalmente na Educação Física escolar. A partir das considerações de Mauss, todos os movimentos humanos são, por definição, técnicos e, nesse sentido, não são melhores ou piores. Devem ser considerados, podem não possuir inicialmente muita eficiência, podem ser transformados no sentido de alcançarem esta eficiência, mas sempre serão técnicos, porque humanos, com tradição e eficácia simbólica.

A Educação Física não deveria excluir alunos por não possuírem ‘técnica’, ou por insistirem em realizar certos gestos considerados ‘não técnicos’ ou ‘menos técnicos’. Por exemplo, alunos iniciantes na modalidade Basquetebol arremessam a bola para a cesta de formas variadas, por falta de força, por serem muito mais baixos que o aro, com as duas mãos. Enfim, são formas de explorar o novo esporte e darem conta do objetivo proposto: lançar a bola na cesta. Todas essas tentativas deveriam

ser consideradas como formas absolutamente válidas, uma vez que são técnicas e dotadas de eficácia simbólica. Julgar um aluno neste momento por uma tentativa de arremesso com as duas mãos partindo a bola das pernas pode fazer com que ele se desinteresse pela modalidade achando que não leva jeito ou que o arremesso considerado ‘técnico’ pelo professor é muito difícil para ele.

Em outros termos, a técnica esportiva expressa por atletas não deveria ser apresentada ao aluno como estanque, como um único gesto a ser imitado. Ao contrário, deveria ser apresentada como mais uma forma de execução, a fim de que o aluno se motive a experimentar. De fato a grande maioria dos alunos não se tornará atleta de alto nível. O que se espera é que todas as pessoas experimentem os gestos próprios da cultura corporal, aprendam novos movimentos e usufruam desse conhecimento esportivo ao longo da sua vida. Incorporar a concepção de eficácia simbólica à Educação Física serviria para abrir as possibilidades de gestualização para todos os alunos, não só no campo do esporte, mas também na dança, ginástica, luta e jogo, conteúdos clássicos da Educação Física.

Considerações finais

Por fim, outra implicação da concepção de Marcel Mauss para a Educação Física é o reconhecimento e respeito aos variados corpos existentes, atitude das mais necessárias na atualidade brasileira. Marcel Mauss não expressou isso diretamente, mas, ao priorizar a discussão do corpo numa época de ascensão do nazismo, ele negou afirmações racistas e manifestou por meio de sua produção a compreensão sobre a pluralidade de corpos no mundo.

Para ele, todos os corpos se equivaleriam no plano cultural, porém não é o que presenciamos atualmente, neste momento delicado por que passa a sociedade brasileira em que alguns corpos são negados, silenciados ou considerados menos importantes. Corpos negros, quilombolas, pobres, indígenas, nordestinos, corpos religiosos, corpos LGBT, corpos nus, corpos artistas, enfim, corpos.

Vladimir Safatle discute o momento político brasileiro atual afirmando o processo de desaparecimento de corpos sem deixar marcas, corpos vítimas de genocídios e de uma gestão social da brutalidade. Segundo ele, “são as classes vulneráveis que desaparecem sendo expulsas do espaço público de visibilidade” (SAFATLE, 2018).

Para agir coerentemente de acordo com os ensinamentos de Marcel Mauss, temos que reconhecer a diferença de corpos para respeitá-los; e reconhecer a diferença de corpos implica reconhecer essa diferença em nós. Temos que defender a pluralidade de corpos e garantir a livre expressão de todos. Essa atitude nos coloca diretamente na luta contra qualquer tipo de preconceito que leve a qualquer tipo de violência contra qualquer tipo de pessoa.

Marcel Mauss, se estivesse entre nós, agiria dessa forma.

Referências

BRUHNS, H. T. (org.). **Conversando sobre o corpo**. Campinas: Papirus, 1986.

CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (orgs.). **Política científica e produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DAOLIO, J.; GOELLNER, S. V.; MELO, V. A. de. Memória, cultura e corpo: intervenção e conhecimento. In: GOELLNER, S. (org.). **Educação física/ciências do esporte: intervenção e conhecimento**. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

DAOLIO, J; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 9-16, 2008.

FOURNIER, Marcel. Para reescrever a biografia de Marcel Mauss. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 52, p. 5-13, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, H. T. (org.). **Conversando sobre o corpo**. Campinas: Papirus, 1986.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MAUSS, M. Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos. In: OLIVEIRA, R. C. de. **Mauss**. São Paulo: Ática, 1979.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SAFATLE, V. Da arte de desaparecer. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2018, 16 nov. 2018.